

ENSINO DA PAISAGEM GEOGRÁFICA E TRABALHO DOCENTE

Igor de Araújo Pinheiro
UESPI
docenciando@gmail.com

Josélia Saraiva e Silva
UFPI
joseliasaraiva@yahoo.com.br

Esta pesquisa tem como tema o conteúdo de paisagem nas aulas de geografia, considerando-se esse conteúdo relevante para a compreensão do meio em que os alunos vivem através do trabalho docente. Entende-se que a paisagem está carregada de signos e significados que atuam na produção das representações sociais dos indivíduos e o seu conceito participa dos processos de compreensão da realidade. Por apresentar um caráter polissêmico, o conceito de paisagem apresentado pelos alunos pode evidenciar distorções a serem investigadas e analisadas durante o trabalho docente no sentido de oferecer diagnóstico para a ação pedagógica. Considera-se, portanto, a construção psicossocial desse conceito pelos alunos da educação básica. Assim, teve-se como objetivos de pesquisa analisar a representação social de paisagem entre os alunos da 1ª série do ensino médio das escolas públicas estaduais de Teresina-PI, bem como a influência do trabalho docente para a permanência ou transformação dessas representações. Especificamente, buscou-se conhecer as diversas abordagens conceituais de paisagem elaboradas pela Geografia, bem como verificar a realização dos trabalhos docentes com o conteúdo de paisagem. Os meios de investigação compreenderam pesquisa bibliográfica e de campo. A pesquisa bibliográfica esteve apoiada nas contribuições de diversos autores que realizam pesquisas no campo do Ensino de Geografia, como os trabalhos de Cavalcanti (2010; 2012), Serra (2013), Pires e Alves (2013), Moragas (2006), bem como os autores que tratam dos estudos referentes ao trabalho docente Zabala (1998), Libâneo (1992) e Tardif & Lessard (2012). O campo de pesquisa foram as escolas estaduais com oferta de ensino médio, sendo escolhidas 04 (quatro) escolas estaduais do município de Teresina-PI, uma para cada zona administrativa da cidade que ofertam o Ensino Médio. Utilizou-se como instrumentos e procedimentos de coleta a entrevista semiestruturada, aplicada junto aos professores para obtenção dos aspectos essenciais do trabalho docente. Os resultados revelaram

indícios significativos da existência de uma representação social, corroborando com a hipótese central desta pesquisa, na qual se supõe que os elementos da ideia de paisagem identificados na representação social dos alunos estejam relacionados ao senso comum, com pouca influência do conhecimento geográfico sobre paisagem ao qual tiveram contato durante a educação básica.

PALAVRAS-CHAVE: Paisagem. Ensino de Geografia. Trabalho Docente.

1 INTRODUÇÃO

A ideia desta pesquisa surgiu a partir de nossas inquietações a respeito do processo de ensino e aprendizagem do conteúdo de paisagem desenvolvida como requisito para a obtenção do título de mestre em Geografia. Tencionávamos analisar a contribuição do trabalho docente na construção das representações sociais de paisagem pelos alunos da 1ª série do ensino médio em Teresina (PI). Por apresentar um caráter polissêmico, o conceito de paisagem formulado/reformulado cotidianamente pelos alunos da educação básica necessita ser investigado e analisado, no sentido de se obter um diagnóstico da sua aprendizagem, podendo assim orientar o trabalho docente na abordagem do conteúdo de paisagem no ensino da Geografia.

A respeito das representações sociais, Jodelet (1984, p. 361) esclarece que estas são “uma forma específica de conhecimento, o saber do senso comum, cujos conteúdos manifestam a operação de processos generativos e funcionais socialmente marcados. [...] designa uma forma de pensamento social”. Como bem destaca esta autora, as representações sociais de paisagem dos alunos são uma forma de conhecimento adquirido na prática social do indivíduo (escola e meio) e refletem o modo como estes sujeitos se relacionam com o objeto paisagem.

Portanto, há a necessidade do trabalho docente desenvolvido pelos professores de Geografia durante a abordagem do conteúdo de paisagem em considerar os conhecimentos prévios dos alunos (representações sociais) e trabalhá-los de forma adequada, objetivando o alcance da aprendizagem sobre a paisagem cotidiana e global através dos pressupostos geográficos.

Desse modo, os professores poderão escolher estratégias de ensino, considerando a existência de uma representação social de paisagem construída dentro e fora do espaço escolar, contribuindo sobremaneira na aprendizagem dos sujeitos do processo.

2 TRABALHO DOCENTE: ELEMENTO CONDICIONANTE PARA O ESTUDO DA PAISAGEM GEOGRÁFICA

A compreensão da realidade cotidiana dar-se-á, necessariamente, pelo ato inicial de pensar as questões que envolvem o meio circundante. Mediar os alunos em suas reflexões, estimulando-os a pensar a paisagem partindo das representações elaboradas e partilhadas socialmente possibilitará aos alunos compreenderem em escala local e planetária toda a complexidade do universo cultural ao qual estão submersos. Pois, paisagem e sociedade são no tempo e no espaço coprodutores uns dos outros, são ao mesmo tempo produto e produção da cultura humana que age na construção das múltiplas identidades (MORIN, 2000).

Quando se trata de refletir as contradições e resistências do cenário educacional brasileiro, é consensual a percepção de que o Ensino Médio apresenta os problemas mais latentes da educação básica. No entanto, a competência para superar essa realidade passa pela discussão sobre a qualidade do ensino de Geografia oferecido aos alunos. A respeito dessa temática, estarão presentes nesta seção algumas ideias que alimentam o debate sobre o trabalho docente e sua relação com o estudo da paisagem no Ensino Médio.

Focalizando o processo concreto da atividade docente nos seus componentes fundamentais (professor, aluno e conteúdo), nos esforçamos para conhecer as teorias da docência, sobretudo, as que se voltam para a reflexão conceitual do fazer pedagógico do professor de Geografia. Várias dessas definições têm sólidas bases conceituais ZABALA (1998), LIBÂNEO (1992) e TARDIF & LESSARD (2012). Pensando nisso, apresentaremos a definição de “trabalho docente” como a que melhor representa a essência da atividade do professor de Geografia em sala de aula, bem como as condições procedimentais referentes às representações sociais dos alunos.

Iniciemos pela definição de “*prática educativa*” cuidadosamente embasada nas discussões do pedagogo espanhol Antoni Zabala (1998). Para este autor, a *prática educativa* é uma atividade complexa e deve ser analisada através de numerosas variáveis que compõem a educação. Sua estrutura obedece a múltiplos determinantes, que juntos, configuram a capacidade/habilidade de o professor de geografia ensinar o que deve ser aprendido (função social). A *prática educativa*, segundo Zabala (1998) é fluida, complexa e se justifica em parâmetros institucionais e pedagógicos, não podendo ser concebido isoladamente da organização educacional. Assim, pois, a aula de geografia só poderá ser examinada na interação entre todos os elementos que nela intervêm.

Para o Professor José Carlos Libâneo (1992) na “*prática educativa*” o professor de Geografia exerce através de suas relações sociais com os alunos finalidades (objetivos) e processos (ensino e aprendizagem), determinados pelos jogos de interesses antagônicos existentes entre as classes que compõem a sociedade atual. Inserido nessa prática, o autor reconhece o *trabalho docente* como a elaboração e organização concreta dos interesses e objetivos dos professores para o ensino da Geografia. Para o autor, é na vida cotidiana, na relação professor-aluno, que os objetivos propostos para o ensino ganham forma e dão significado às coisas, às pessoas e às ideias socialmente compartilhadas no meio sócioespacial.

Já para os autores Maurice Tardif & Claude Lessard (2012) o *trabalho docente* se configura como a “profissão de interações humanas”. Deste ponto de vista, pode-se afirmar que a Geografia trabalhada no Ensino Médio representa, em igual título que a pesquisa da ciência geográfica, uma das esferas fundamentais de ação na sociedade contemporânea. Isto é, o trabalho docente é criação artística e política que se realiza no cotidiano a partir da interação do professor com os alunos e com os outros atores escolares. Tardif & Lessard (*Ibid.*, p. 8-9) mobilizaram sua base de conhecimentos para estudar a docência no âmbito escolar, compreendendo o trabalho docente como:

uma forma particular de trabalho sobre o humano, ou seja, uma atividade em que o trabalhador se dedica ao seu “objeto” de trabalho, que é justamente um outro ser humano, no modo fundamental da interação humana. Podemos chamar de interativo esse trabalho sobre e com outrem.

A interação dos alunos com os fenômenos socioespaciais e destes com o ambiente escolar oportuniza o *trabalho docente*. Essa forma particular de trabalho

humano com foco de atenção no aluno e no seu processo de aprendizagem, embora não seja suficientemente a solução para todos os entraves do Ensino Médio, descritos anteriormente, é em parte, expressão do desejo que permite aos projetos educativos, baseados em concepções emancipatórias de sociedade, realizar em sala de aula um ensino de Geografia de qualidade.

Sousa Neto (2008, p. 15) destaca que o *trabalho docente* deve almejar a qualidade do ensino de Geografia. Este autor concebe essa forma de trabalho como “um processo e não um produto, com finalidade plenamente determinada [...]”, e desse modo, “não veja mais os alunos como se fossem objetos sobre os quais deposita conhecimento”, mas que faça uso das representações sociais dos alunos como ferramenta didática necessária para o labor em sala de aula. Evidente, sem excluir do processo os saberes e as competências dos professores considerados indispensáveis do ponto de vista da docência.

Assim, no *trabalho docente* o sujeito central é o aluno e não as técnicas, ou seja, o trabalho do professor de Geografia no Ensino Médio focará na aprendizagem geográfica dos alunos (CAVALCANTI, 2010). Visando a um olhar cuidadoso para o processo de ensino e aprendizagem, o professor de Geografia decidirá conscientemente o caminho teórico-metodológico mais adequado para o projeto de aluno cidadão, mediando a interação humana com o conhecimento adquirido dentro do espaço escolar (conteúdos) e fora dele (representação social). Prosseguindo com essa linha de raciocínio, Cavalcanti (2012, p. 158) esclarece que durante esse processo de mediação, o *trabalho docente* está “orientado para o desenvolvimento teórico do aluno [...] buscando estabelecer, com a intervenção deliberada do professor, a relação do aluno com o mundo do objeto.”. Nessa concepção, o *trabalho docente* tratará igualmente as representações sociais dos alunos e os conhecimentos geográficos.

Salientamos aqui a necessidade de pensar o trabalho em sala de aula vinculado às questões espaciais cotidianas dos alunos. A ideia é permitir através do *trabalho docente* a construção de referências necessárias à formação de valores e atitudes sobre a paisagem, embasando-se nos pressupostos da ciência geográfica, estimulando/orientando a emissão de opiniões com base conceitual própria pelos alunos a respeito da realidade em que estão inseridos (FAÇANHA *et. al.*, 2011, p. 25). Essa reflexão acerca da paisagem realizar-se-á através da socialização das representações

sociais dos alunos, apoiando-se principalmente no diálogo e na interação em grupo (professor-aluno-paisagem).

Manter a organização do *trabalho docente* é de suma importância para a interação do aluno com o ensino de Geografia nas séries finais da educação básica. A interação entre os três componentes supramencionados – professor, aluno e paisagem – está estritamente condicionada à organização deste trabalho. Dessa forma, o *trabalho docente* equivale ao esforço organizado pelo professor de Geografia, objetivando a socialização em sala de aula do “saber elaborado pela ciência com o saber e as referências de cada individualidade” (AZAMBUJA, 2003, p. 6). Essa interação social na escola mobiliza professores e alunos a juntos captarem os significados do conhecimento geográfico presente no espaço vivido.

Todavia, nem sempre a interação social aluno-conhecimento na escola se configura um caminho fácil/simple, mas sem dúvida alguma, é o caminho a ser trilhado cotidianamente por professore e alunos (MORAGAS, 2006). O estudo da paisagem no Ensino Médio mostra as possibilidades e desafios para a compreensão do espaço geográfico, indica mais que o entendimento da dinâmica espacial, essa compreensão assinala para mudanças nas atitudes dos alunos para com a paisagem. Entende-se ser difícil agir com responsabilidade na paisagem quando não há conhecimento sobre ela: sua história, dinâmica, conteúdo, simbologia, representação etc.

Embora evidenciada nas subseções anteriores a influência dos documentos oficiais da educação e do livro de Geografia para o estudo da paisagem e para o trabalho docente, entendemos ser no exercício do protagonismo, da autonomia e identidade que o professor de Geografia consubstancia em sala de aula suas concepções de educação e de sociedade (SERRA, 2013). Sua tarefa é conseguir compreender o *trabalho docente* como a expressão concreta e inacabada da prática social, que demanda não de uma “fórmula mágica”, mas do aprimoramento constante que fuja dos estereótipos e comodismos (ZABALA, 1998).

Tornamos evidente, portanto, a ideia de *trabalho docente* como um exercício diário que requer aperfeiçoamento, estudo, reflexão, melhora e principalmente compromisso com a qualidade do conhecimento geográfico ensinado aos alunos durante o Ensino Médio. Trata-se de uma demanda crescente pelo trabalho interativo e reflexivo, sobre a matéria dinâmica, sobre a vida, o espaço e primordialmente sobre a

paisagem hodierna. Na verdade, representa ainda mais: representa o anseio de inserir o estudo da paisagem cotidiana e sua relação com outras formas de paisagem (local, regional e global) no seio das potencialidades humanas trabalhadas no Ensino Médio.

Dessa forma, consideramos como tarefa dos professores de Geografia atuantes no Ensino Médio do Piauí e do Brasil acompanhar, analisar e avaliar o seu próprio *trabalho docente* e, dessa tarefa, buscar o caminho mais produtivo para o trabalho com as representações sociais de paisagem dos seus alunos. Adiante, seguiremos nossas análises caracterizando as escolas estaduais selecionadas para esta pesquisada, apresentando os resultados colhidos nas entrevistas concedidas pelos professores de Geografia das turmas pesquisadas, bem como será apresentada a análise detalhada das representações sociais de paisagem dos alunos de 1ª série do Ensino Médio.

3 O TRABALHO DOCENTE REALIZADO NAS ESCOLAS PÚBLICAS ESTADUAIS NA CIDADE DE TERESINA (PI): UMA REALIDADE BRASILEIRA.

Para esta pesquisa foram selecionadas 04 (quatro) escolas estaduais, localizadas em distintas regiões administrativas do município de Teresina (PI). O critério de seleção foi a nota obtida por essas escolas no Exame Nacional do Ensino Médio ENEM¹ em 2012. As visitas às escolas pesquisadas, a realização das entrevistas junto aos professores ocorreram no período entre 01 de Julho e 30 de Julho de 2014. As escolas pesquisadas ofertam o ensino de 1ª série do Ensino Médio para 779 alunos, matriculados em 20 (vinte) turmas, deste universo de turmas, foram selecionadas 05 (cinco) turmas, totalizando 147 alunos selecionados para compor a pesquisa.

Os professores entrevistados, um total de 05 (cinco) professores, foram escolhidos de forma proposital (são os únicos a lecionarem nas 1ª séries do Ensino Médio) dentre as 04 (quatro) escolas selecionadas para esta pesquisa. Para facilitar a compreensão, os dados obtidos foram reunidos e organizados em quadros esquemáticos.

¹ Este exame é aplicado em todo o território brasileiro anualmente, constitui-se num mecanismo seletivo de estudantes da educação básica que ingressarão nas universidades públicas e instituições particulares de ensino superior através de financiamento estudantil (PROUNI). Para a maior parcela das universidades públicas brasileiras o ENEM é o único critério avaliativo de seleção dos futuros graduandos.

Apresentamos em seguida a descrição e análise da situação dos professores de Geografia referente às condições de formação docente e trabalho docente.

QUADRO 01 – Características gerais dos professores entrevistados

PROF.	SEXO	IDADE	ESCOLA QUE LECIONA	PÓS-GRADUAÇÃO	(IES) QUE FEZ A GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA
P1	Feminino	41 anos	Liceu Piauiense	• Educação e Direitos Humanos	Universidade Estadual do Piauí-UESPI
P2	Feminino	40 anos	Liceu Piauiense	• Geografia e Ensino	Universidade Estadual do Piauí-UESPI
P3	Feminino	33 anos	Cícero Portela Nunes	• Geografia e Ensino	Universidade Estadual do Piauí-UESPI
P4	Masculino	46 anos	Dirceu Mendes Arcoverde	• Gestão Escolar e Tecnologia	Universidade Federal do Piauí-UFPI
P5	Masculino	37 anos	Santa Inês	• Direito Civil	Universidade Federal do Piauí-UFPI

Fonte: crédito direto do autor.

Notam-se, através do quadro anterior, aspectos relevantes quanto à formação inicial e continuada dos professores entrevistados, podendo indicar boa qualidade no ensino prestado por esses profissionais. Todos os 05 (cinco) professores são graduados em Licenciatura Plena em Geografia em cursos reconhecidos pelo Ministério da Educação (MEC) de Instituições de Ensino Superior (IES) bem conceituadas no Estado do Piauí: UESPI e UFPI. Além de todos os entrevistados declararem possuir ao menos uma pós-graduação (*Lato Sensu*) em ensino ou áreas afins da Geografia.

Os professores relataram também os fatores que motivaram a realização do curso de Geografia. Observe as respostas no quadro esquemático a seguir.

QUADRO 02 – A escolha pela Geografia: segundo os professores entrevistados

PROF.	Porque o (a) senhor (a) escolheu ser professor de geografia?
P1	No início eu busquei a questão de licenciatura porque eu já estava na Educação, então eu busquei realmente a parte da licenciatura. Eu busquei mais essa área das Humanas que eu tenho mais afinidade: História, Geografia... Então eu fui pra área da Geografia porque eu me identificava mais. (<i>Grifo Nosso</i>)
P2	Geografia sempre assim... Me encantou! Eu tinha uma atração muito grande por História e por Geografia . E optei pela Geografia porque acreditava e acredito que a Geografia é mais ampla, ela analisa muito e é mais vivenciada, é mais contextualizada. Eu sempre gostei de práticas de campo, tanto que me especializei na época em Geografia e Ensino, o meu trabalho foi sobre a importância da prática de campo. Então eu sempre gostei, sempre tive essa análise, esse olhar geográfico, embora não tenha sido especializada na época, mas eu sempre gostei de passear, de analisar, de ver regiões e paisagens interessantes. Sempre me atraíram os conceitos de geografia e eu fiquei muito satisfeita em terminar. Posteriormente, eu entrei num outro curso da área de Humanas , mas nunca deixei a minha área de Geografia. (<i>Grifos Nossos</i>)
P3	Na verdade foi a questão de afinidade mesmo de conteúdos. Na época em que eu fiz o vestibular eu havia feito Enfermagem , mas não me identifiquei, não gostei da área de saúde e aí eu fui olhar pelo que eu tinha mais afinidade pra estudar. Eu não tenho afinidade com a área das Ciências da Natureza , tão pouco Matemática , e aí eu terminei por procurar as Ciências Humanas. Muita gente falou pra mim: “Olha faz Direito!” , mas eu nunca tive planos/sonhos de ser Advogada, nunca gostei. Então o meu plano era fazer História ou Geografia , aí terminei optando por Geografia. (<i>Grifos Nossos</i>)
P4	Foi influência dos amigos , porque a primeira opção que eu tinha era fazer pra História . Mas aí por conta da influência de amigos que já estudavam Geografia, já faziam o curso de Geografia na universidade. E aí conversando com eles, eles falaram do curso e eu acabei fazendo a opção pelo curso de Geografia. Mas também era uma disciplina que desde o ensino fundamental e médio eu já gostava. (<i>Grifos Nossos</i>)
P5	Até mesmo da proximidade que eu tinha da Geografia, assim, o interesse que eu tinha pela Geografia. Era uma disciplina que eu tinha uma facilidade e também uma disciplina que me atraía, que me induzia a novas perguntas. Então, quanto mais eu estudava Geografia, mais perguntas apareciam e mais me interessavam as respostas. Daí eu ter escolhido a Geografia.

Fonte: crédito direto do autor.

Em todas as respostas se observa a “afinidade” com a disciplina ou com a ciência Geografia como motivo principal para a escolha do curso. O nível de expectativas que os ingressantes do curso trazem consigo influência de alguma forma a identidade docente e o engajamento do professor de Geografia junto a uma proposta para um trabalho docente de qualidade.

Questionados sobre a formação inicial, os professores entrevistados avaliam da seguinte forma.

10

QUADRO 03 - Avaliação da formação inicial: segundo os professores entrevistados

PROF.	Qual avaliação o (a) senhor (a) faz da sua formação inicial?
P1	Já era professora antes da minha graduação, aí realmente veio pra somar a questão do que eu já tinha em prática. Eu trabalhava no ensino fundamental, após a minha graduação que eu comecei a trabalhar com a Geografia. Com certeza contribuiu muito.
P2	As nossas disciplinas, o curso (Geografia) ele era muito fechado. Ele era muito direcionado à ciência geográfica e um pouco à Didática . Hoje nós temos... As disciplinas que já foram modificadas, o fluxograma já foi bem atualizado, foi adequado e inseriu-se a disciplina Projeto Interdisciplinar (Ofertada na UESPI) que foi muito bom, muito bem vindo, porque antes, na minha época não existia e isso facilita com que o formando/graduando tenha um contato direto com a escola; adquira uma experiência vivenciada melhor. Acho que melhorou comparado ao que nós tínhamos antes houve uma melhoria. (<i>Grifos Nossos</i>)
P3	Faltou muito “puxar” pela questão Geografia Física, a Estadual (UESPI) na época não havia estrutura necessária pra isso, não havia laboratório, então o curso dava mais ênfase à Geografia Humana do que a Geografia Física. (<i>Grifo Nosso</i>)
P4	Minha graduação foi boa, atingiu as perspectivas que eu tinha sobre o ensino da Geografia, sobre os conceitos da Geografia. É uma avaliação positiva a que eu faço.
P5	Foi uma formação que eu aproveitei muito também, tinha bons professores. Pelo menos o recurso de pessoal eram professores de boa formação, mas a gente também pecava na própria questão da infraestrutura, num período em que a Universidade não tinha a estrutura tão boa comparada ao período de

hoje. Aonde você tinha um déficit de laboratório, viagens de campo, além de outros né... iniciação científica que me obrigou até mesmo direcionar mais pra **Arqueologia**, já que não tinha a possibilidade da própria iniciação científica dentro da área da Geografia e como eu tinha vontade de trabalhar com a Arqueologia, eu passei durante toda a graduação sendo bolsista de iniciação científica junto ao **Núcleo de Antropologia Pré-histórica**. (*Grifos Nossos*)

Fonte: crédito direto do autor.

11

Observamos que os professores *P3* e *P5* são consensuais ao indicar a carência de infraestrutura (laboratórios etc.) nos cursos de formação inicial em Licenciatura em Geografia. Enquanto *P1* relata que a sua formação inicial em Geografia contribuiu para ressignificar a prática exercida em sala de aula, neste caso, sua experiência anterior com a docência pode ter ajudado na reflexão da dimensão pedagógica do curso de Geografia. *P2* relata a deficiência da formação inicial em relação à dimensão pedagógica, fazendo analogia entre a estrutura curricular do curso no período de sua formação e do momento presente. O entrevistado *P4* enfatizou que obteve êxito e que suas expectativas foram alcançadas, tanto no que diz respeito à parte pedagógica quanto aos conteúdos específicos.

Entender a formação inicial dos professores indica a qualidade do ensino ofertado. Este momento da formação reúne e ancora os saberes, experiências e embasamento capazes de desencadear ações que possibilitam a transformação do ensino por meio do trabalho docente. Implica, também, esforço de contextualizar as questões básicas sobre o trabalho do profissional que mediará a relação entre conhecimento geográfico e aluno em sala de aula.

QUADRO 04 – Definição conceitual de paisagem pelos professores

PROF.	Para o (a) senhor (a), o que é paisagem geográfica?
P1	É justamente o espaço em que nós vivemos, onde existem suas modificações , suas transformações causadas, tanto pelo meio natural mesmo e pela ação humana. (<i>Grifos Nossos</i>)
P2	A paisagem geográfica é tudo que a gente vê , é tudo o que a visão alcança , é tudo que se observa , independentemente do feio , do bonito , do cheiroso , do que pode ser modificada , que pode ser natural , pode ser alterada . Então, esse

	<p>conceito é um dos conceitos que eu acho mais interessantes, porque se fixou muito no nosso passado que o conceito de paisagem era relacionado ao belo. Então até hoje o aluno sente essa dificuldade de não mais fazer a relação do bonito com o conceito de paisagem e quando ele descobre “ele ah né...?!”, é uma descoberta interessante, ele assimila muito, acredito que ele assimile bastante, assim como os demais conceitos: de região, de sociedade, de lugar. (<i>Grifos Nossos</i>)</p>
P3	<p>Esse termo é tão abstrato dentro da Geografia que eu acho que é uma das coisas mais difíceis de se explicar para o aluno, por que na nossa visão paisagem é tudo aquilo que a gente pode ver, que é belo né?! Mas, eu entendo que dentro da Geografia a paisagem é tudo aquilo que é visível, toda a parte do espaço geográfico que é visível e é sentido pelo ser humano. A gente vai observando as transformações no decorrer do tempo nessa paisagem. Então, é o visível e aquilo que é sentido pela gente. (<i>Grifos Nossos</i>)</p>
P4	<p>É a materialização das realizações entre o homem e a natureza.</p>
P5	<p>Eu acho que a paisagem em si é geográfica, de uma forma ou de outra ela é geográfica. Já que a própria paisagem hoje, você tem todas essa alteração, essa ação do ser humano sobre essa paisagem, a gente não pode dizer que uma paisagem não é geográfica. Porque quando você tem a ligação do ser humano, ou seja, de uma forma direta ou indireta vai trazer essas alterações, essa modificações, todas pra dentro dessa paisagem. Essa paisagem ela é alterada sempre. (<i>Grifos Nossos</i>)</p>

Fonte: crédito direto do autor.

As definições conceituais de paisagem demonstram conhecimento dos professores em relação ao tema, fato relevante para a realização de um trabalho docente significativo. Vê-se nos relatos de *P2* e *P3* que paisagem é “tudo que a vista alcança” ou “tudo que se pode vê”. Em *P1*, *P4* e *P5* notamos maior destaque para as modificações decorrentes na paisagem, isto é, para esses sujeitos paisagem é o espaço transformado pela sociedade. Essas ideias sobre paisagem estão próximas do conceito geográfico de paisagem ou estão permeadas por elementos do senso comum? Colocadas em movimento na sala de aula, essas ideias influenciará na construção do conceito de paisagem numa perspectiva geográfica pelos alunos ou reforçará o conhecimento elaborado socialmente (senso comum)?

O que se pretende com esses questionamentos é atentar para a necessidade de um Ensino de Geografia embasado no conhecimento da ciência geográfica, embora se

saiba da relevância do senso comum e do entendimento prévio dos alunos para a construção do conceito de paisagem. Nesta perspectiva, o conhecimento de paisagem pelo professor influenciará o processo de mediação entre conhecimento geográfico e aluno, podendo assim auxiliar o aluno na compreensão da paisagem geográfica ou reforçar os estereótipos sobre a paisagem vivenciada.

Para corroborar com essas questões anteriormente colocadas, buscamos investigar a metodologia escolhida pelos professores para o trabalho docente com o conteúdo de paisagem. Os resultados colhidos nas entrevistas revelam as seguintes estratégias de ensino:

13

QUADRO 05 – Formas de abordagem do conteúdo de paisagem em sala de aula pelos professores

PROF.	Como o (a) senhor (a) aborda o conteúdo de paisagem na 1ª série do ensino médio?
P1	Primeiramente a gente foca... Quando a gente fala de paisagem a primeira visão que os alunos têm é de um espaço bonito, né? Um espaço natural, só com a biodiversidade mesmo, com o verde, os animais... Eles têm essa noção de início, então a gente busca fazer... Colocar uma diversidade de paisagens mostrando pra eles que não só aquilo visível , que tudo que é visível... Eu coloco pra eles: “Paisagem é tudo aquilo que é visível aos nossos olhos, que nossos olhos podem ver, podem interpretar” . A partir do momento em que eles podem observar, podem interpretar isso é paisagem. Então não só o que é bonito , o que é belo, é? Então tudo: a questão dos impactos ambientais, uma favela , uma área... Então tudo isso correlaciona com a questão de paisagem. (<i>Grifos Nossos</i>)
P2	A gente coloca os conceitos formais dos autores, até do próprio autor do livro didático e a gente deixa com que eles façam/construam também o próprio conceito , do que é realmente a paisagem. A gente faz experiências com eles, a gente coloca eles fora da sala pra eles nos dizerem “o quê mudou?” , “o que realmente é pra eles o conceito de paisagem?” , que é tudo que se vê é tudo que se observa . (<i>Grifos Nossos</i>)
P3	Eu vou separando, deixo uma aula ou duas reservadas pra esses conceitos-chave. Então eu explico o que é o espaço geográfico, aí explico o que é a paisagem, aí explico o que é o lugar e depois passo pra região, geralmente na primeira ou na segunda aula quando eu vou explicar pra eles a importância da Geografia , por que estudar Geografia no Ensino Médio? O que eles vão ver

	<p>durante o ano, quê habilidades eles vão adquirir através do estudo da Geografia. Sempre nas primeiras aulas, primeira ou segunda aula. Agora como não tem o conteúdo no livro, a gente fica mais na conversa, não tem aquela parte prática: de fazer exercícios ou de passar uma pesquisa, alguma coisa assim. [...] E também, os meninos cobram muito, a gente pensa que eles não cobram, mas eles cobram: “Professora, esse assunto não tem no livro!”, ou “Professora, esse assunto aqui porque que não tem no livro, como a gente vai fazer uma prova desse assunto se não tem no livro?”. Então eu reservo as duas primeiras aulas pra isso e depois a gente dá continuidade aos assuntos do livro, sempre no início do ano. (<i>Grifos Nossos</i>)</p>
<p>P4</p>	<p>No 1º ano de Ensino Médio, ela é trabalhada nesse livro nos primeiros capítulos. Então a gente faz uma introdução, chamando atenção para a importância da Geografia, como que a Geografia é importante pra vida das pessoas, pras relações, pra entender o mundo em que a gente se encontra que a gente está vivendo. Então, a gente procura trabalhar essa abordagem da paisagem mostrando que ao longo do tempo a paisagem, os lugares vão mudando sua forma. Então, a gente utiliza imagens pra fazer essa apresentação e fazer essa observação sobre essas mudanças que vão acontecendo ao longo do tempo. (<i>Grifos Nossos</i>)</p>
<p>P5</p>	<p>Eu busco sempre enfatizar o conceito de espaço geográfico, principalmente, utilizando muito os conceitos de Milton Santos. Principalmente levando em consideração o que o aluno entende sobre a paisagem, então, tentar mostrar que ele está incluído, está dentro de uma paisagem. Ou, essas paisagens também vão trazer uma lembrança pra ele, por exemplo, a gente tem muito aluno aqui de 1º ano que vem de outras localidades, por exemplo, de localidades rurais, de cidades pequenas que ele acha que lá não é uma paisagem. Então, a gente tenta trabalhar com ele que essas paisagens são modificadas, o urbano, o rural, aquele espaço mais vivenciado. Daí a gente tentar trabalhar com ele essa concepção pra que ele possa ter essa diferenciação e chegar a um conceito de paisagem como um todo. (<i>Grifos Nossos</i>)</p>

Fonte: crédito direto do autor.

Observamos nas falas dos professores que estes tentam utilizar o conceito de paisagem para diversos fins. Seja para dar sentido à disciplina (*P4* e *P3*), através da aproximação com o cotidiano (*P5*), com a realidade imediata (*P2*), seja para uma compreensão do espaço global (*P4*). No entanto, observamos na primeira fala (*P1*) um esforço para explicar que paisagem não está somente no domínio do visível. Talvez a professora queira lembrar-se dos conhecimentos com os quais teve contato durante a sua

formação (inicial e/ou continuada), embora não tenha conseguido dizê-los com propriedade. Vale lembrar que, conforme Pires e Alves (2013, p. 245) “é preciso, no entanto, mostrar aos alunos que a paisagem possui identidade, que guarda a memória de tempos diferentes em suas formas, que coexistem e integram o momento atual [...]”.

Tal abordagem, indubitavelmente, é ponto de partida para que os alunos questionem o processo de transformação da paisagem experienciada, ampliando sua escala de análise para espaços maiores e distantes. Os professores foram questionados quanto à possibilidade/viabilidade de trabalhar em sala de aula a relação entre conteúdo de paisagem e cotidiano dos alunos.

No entanto, buscou-se um aprofundamento desse tema perguntando aos professores como essa relação se dava na sala de aula.

QUADRO 06 – A relação dos alunos quanto a abordagem do conteúdo de paisagem

PROF.	Como os alunos reagem durante a abordagem deste conteúdo?
P1	No início eles acham... Quando a gente fala o que é paisagem eles dizem isso, né!? Aí quando a gente mostra outra visão pra eles aí eles já começam a questionar. Então, como às vezes eles dizem: “achava que era só o que era belo, o que era bonito, o que era verde” . Aí eles colocam logo assim: “Paisagem é a Floresta Amazônica”, “É um local onde tem Rios” , então é essa a visão que eles tinham. A partir do momento em que a gente utiliza os conhecimentos empíricos do aluno e colocamos os conteúdos mais voltados à parte científica, fica mais viável e dá pra eles conciliarem. (<i>Grifos Nossos</i>)
P2	Eu vejo assim, o que eles descobrem... Há uma sensação de descoberta por si só. Hoje em dia a gente aborda, a gente tenta, o conceito de maneira bem natural, não se decora mais conceito , não se exige mais aquela perfeição do pensamento do autor, por exemplo. E a gente tenta com que o aluno descubra, se sensibilize com o que eles estão vendo. Então, eu noto que há, assim, um deslumbramento por parte do aluno quando realmente ele entende aquela paisagem que ele está enxergando, independentemente do que ele viu no livro ou não, o que ele enxergou ou o que foi repassado em outros tempos pra ele. (<i>Grifos Nossos</i>)
P3	Pra eles é muito complicado porque é muito abstrato . Então, alguns entendem, outros dizem que entendem e a gente não sabe se realmente se entenderam. Aí, no decorrer do Ensino Médio é que a gente vai observando se eles realmente conseguiram fixar essa ideia de paisagem e dos outros conceitos

	geográficos. (<i>Grifo Nosso</i>)
P4	Eles participam porque eu chamo atenção também que ao longo do tempo os lugares vão mudando as suas formas, e aqui próximo da escola vários que a gente pode citar, por exemplo, tem uma rede de supermercados que acabou chegando à cidade e ocupando uma determinada região que no passado tinha um clube, uma área de lazer. E chamando atenção pra eles que esses espaços ao longo do tempo vão ganhando novos papéis, novas paisagens que vão sendo construídas e reconstruídas ao longo desse tempo. (<i>Grifos Nossos</i>)
P5	No início eles apresentam muita dificuldade, mas depois vão assimilando a relação da paisagem com o cotidiano deles. Eles reagem bem. (<i>Grifo Nosso</i>)

16

Fonte: crédito direto do autor.

Nas experiências relatadas pelos professores se observa que no início há dificuldade do aluno em entender que é paisagem. Em seguida, a contextualização do conteúdo e sua relação com o cotidiano deles passam a entender que a paisagem faz parte de suas vidas o cotidiano os alunos passam a entender que a paisagem faz parte da vida deles, que os ambientes que frequentam, mesmo não sendo naturais e belos, estão inseridos na paisagem (local e global). *P2* contribui nesse entendimento ao afirmar que “Hoje em dia a gente aborda, [...] o conceito de maneira bem natural, não se decora mais conceito”, mas sim, “tenta com que o aluno descubra, se sensibilize com o que eles estão vendo”. Despertar no aluno a sensibilidade para extrair da sua relação com a paisagem o conhecimento necessário para compreendê-la e agir de forma responsável e cidadã, reflete o propósito de trabalhar com e para as representações sociais dos alunos.

Continuando, foi sondada o modo como se dá o trabalho docente na mediação conteúdo de paisagem e cotidiano dos alunos. As respostas mostraram o seguinte.

QUADRO 07 – Aproximação do conteúdo de paisagem com o cotidiano dos alunos na prática docente

PROF.	Como o (a) senhor (a) costuma realizar esta ponte em sala de aula?
P1	A gente busca também levar os alunos às pesquisas , além dessas descrições que eles mesmos formulam. É importante também o trabalho prático em uma determinada área pra que eles possam observar, eu não tenho um projeto relacionado a isso, né!? Mas a gente busca também, através das questões que a gente elabora também, a gente avalia o aluno em relação a isso, faz uma avaliação... E também uma outra avaliação do nosso trabalho. Então a gente

	<p>leva o aluno a desenvolver essas atividades, através também da escrita, não só da fala deles, da oralidade, mas da questão escrita que isso aí é importante pra que a gente possa concretizar nosso objetivo. (<i>Grifos Nossos</i>)</p>
P2	<p>Através da observação, eu formulo alguns questionamentos a respeito, por exemplo, como eles vieram? O quê foi que eles visualizaram? Se eles viajaram, o quê que eles observaram? O quê que mudou? A gente trabalha evidentemente primeiro com os textos que o autor nos indica, alguns textos bem interessantes. Depois a gente faz essa ligação com o que eles estão observando, e, especificamente o conceito de paisagem é muito atrelado à contextualização, à vivência. É muito bom se trabalhar por conta disso, né?! (<i>Grifos Nossos</i>)</p>
P3	<p>Especialmente quando a gente tá falando a respeito de urbanismo, de população que eu vou mostrando pra eles: “olha, a cidade mudou”. Você vai andando por uma rua, depois você observa que aquela paisagem mudou, aí eu vou explicando pra eles: “mudou por quê?”, “Essas transformações, aqui que é o espaço geográfico”, “É isso que a gente estuda na Geografia”. Aí eu vou explicando, mas sempre utilizando determinado assunto, seguindo a programação que é preciso, porque a gente não tem essa liberdade, infelizmente, a gente não tem a liberdade de colocar os assuntos na ordem que eu gostaria de fazer. Eu gostaria, eu estou com um livro, esse livro do 1º ano eu acharia muito bom se eu pudesse começar falando a respeito da localização, latitude e longitude, fuso horário. Mas se eu for fazer isso, aí eu tenho a cobrança da Secretaria de Educação, dos pais e até dos próprios alunos que ficam: “Olha, a professora começo o livro de trás pra frente!”. Então, eu não tenho essa liberdade como eu gostaria. (<i>Grifos Nossos</i>)</p>
P4	<p>É com os exemplos mesmo, é com os acontecimentos que vêm sendo observados ao longo do deslocamento, ao longo do ano, ao longo do mês. Então eu procuro chamar atenção para as transformações que vêm acontecendo, é uma ponte que vai sendo construída, é uma vegetação que foi modificada, que foi derrubada e naquele espaço vai sendo construído um conjunto habitacional. Então, isso acaba facilitando essa visualização, essa materialização. (<i>Grifos Nossos</i>)</p>
P5	<p>Eu trago muito slide que mostra esse embate das paisagens, por exemplo, uma imagem de uma paisagem e de outra que tem uma interação muito grande: uma favela e um edifício/condomínio. Aí eu peço pra que eles possam diferenciar porque que acontece... Aquele espaço vai ter uma infraestrutura melhor: fornecimento de água, calçamento, toda uma infraestrutura que é colocada até mesmo pelo poder público. Enquanto, que a grande maioria da outra parte da população não vai ter, “E por que acontece aquilo?”. Aí eu tento levar ele a pensar essa diferenciação, essa exclusão dentre esses dois espaços e qual é a</p>

	relação que eles vão ter um com o outro. (<i>Grifos Nossos</i>)
--	---

Fonte: crédito direto do autor.

Os professores relatam, de modo geral, estimular os alunos a pensarem as transformações e diferenças entre as paisagens através de recursos didáticos variados. Entretanto a metodologia utilizada é pouco diferenciada, haja vista que a pesquisa e a observação das paisagens *in loco* são mencionadas apenas uma vez. Observamos que a exposição oral, seguida de ilustrações é a metodologia privilegiada pelos professores. Contudo, destacamos alguns pontos: **A)** existem diversos métodos e técnicas para abordar a relação paisagem e cotidiano do aluno; **B)** Em todas as situações, o trabalho docente deverá prescindir das representações sociais dos alunos; e **C)** embora seja importante identificar as transformações diárias do cotidiano, o estudo da paisagem deve dar conta de explicar os processos que atuam na modificação, em conformidade com suas formas-conteúdos.

Identificou-se, no entanto, na fala de uma professora (*P3*) a percepção do trabalho desempenhado pela Secretaria Estadual de Educação visando o cumprimento do currículo escolar estabelecido. Vale ressaltar que as diretrizes e orientações curriculares estaduais², neste caso específico, dificultam o trabalho docente na mediação entre o aluno e o seu cotidiano, a autonomia do professor foi suprimida, inviabilizando a organização dos conteúdos de acordo com a característica específica do alunado. Entendemos ser necessária a cobrança da devida aplicação dos conteúdos pelas instâncias superiores da educação, mas esta “fiscalização” deve favorecer o processo como um todo, isto é, com foco na aprendizagem dos alunos e não sendo somente um mecanismo burocrático de verificação do trabalho do professor. Sobre este fato, nos apoiamos em Arroyo (1999, p. 145):

Temos que rever nossa tradição político-pedagógica, que divide o sistema escolar em três campos – os que decidem (*Estado*), os que pensam (*Academia*) e os que fazem a educação (*Professores*) [...] Entretanto, as práticas sociais e escolares extrapolam as diretrizes do que é decidido e pensado. (*Grifos Nossos*).

² Observa-se no Quadro (01) da seção que aborda a contextualização do conteúdo de paisagem nos documentos oficiais de Geografia da SEDUC/PI, o direcionamento para os métodos e técnicas a serem utilizadas pelo professor. Esta proposta “engessa” o trabalho docente, ao ponto de reduzir as possibilidades de se utilizar outras ferramentas e recursos didáticos no trato dessa temática.

Ainda sobre o conteúdo de paisagem buscamos conhecer que avaliação os professores fazem sobre a aprendizagem dos alunos acerca do conteúdo de paisagem. Os professores manifestaram o seguinte.

QUADRO 08 – Avaliação da aprendizagem dos alunos sobre a paisagem: segundo os professores

PROF.	Como o (a) senhor (a) avalia a aprendizagem dos alunos sobre o conteúdo de paisagem?
P1	No início a gente sente um pouco de dificuldade, mas eu acho que é muito fácil de compreensão por eles. Eles compreendem bem após toda essa discussão, há uma boa compreensão. Porque às vezes a gente dá o conceito, o livro dá o conceito e o objetivo da gente é que o aluno passe por esse processo de: observação, depois eles façam a descrição, interpretação pra que eles formem o seu próprio conceito. Pra que eles se tornem cidadãos críticos e participativos e não alienados, né!?! (Grifos Nossos)
P2	Nós sabemos que muitos alunos eles tem uma deficiência grande, eles já vem com deficiência de aprendizado, não só para esse conceito, mas pra todos os outros nas outras disciplinas também. [...] Mas eu avalio de uma maneira positiva , porque os alunos, muitos deles da escola pública já estão observando esses conceitos, principalmente o conceito de paisagem de maneira mais sensitiva , mais realista . É uma avaliação positiva. (Grifos Nossos)
P3	Olha, eu acho que uma nota cinco (5,0) , porque por ser muito abstrato, por não haver um tempo necessário, por eles virem das outras séries de forma “defasada”, porque eles vem sem essa noção. [...] Então uma nota cinco (5,0). Porque é um assunto abstrato, é um assunto que os autores colocam de uma forma diferente, cada livro coloca de forma muito diferente. Não há um consenso para uma definição clara, cada livro que tu vai pegar, tu vai ver... A ideia é a mesma, mas a definição conceitual que eles dão é diferente. E aí é abstrato pro aluno, eu acredito também que têm professores ainda que tem dificuldade de explicar o que é (paisagem) pro aluno. (Grifo Nosso)
P4	Eu avalio que seja positiva . Eles conseguem perceber esse processo, essas mudanças de maneira mais prática mesmo, mais mensurada. (Grifo Nosso)
P5	No começo eles têm muita dificuldade. Depois quando a gente apresenta alguns slides, principalmente quando a gente mostra a realidade, principalmente das zonas urbanas que é a que a grande maioria dos alunos tem e mostra a diferenciação, por exemplo, de espaços, a própria questão da separação das cidades, a diferenciação entre as áreas de elite, de maior estrutura e àquelas da periferia, as áreas periféricas e centrais, então eles debatem muito essa

questão. Porque é uma coisa que eles têm a realidade, a gente vive numa escola que é direcionada para alunos de periferia. (*Grifos Nossos*)

Fonte: crédito direto do autor.

Os professores avaliam positivamente a aprendizagem de paisagem pelos alunos. Apesar das dificuldades encontradas no início do processo (*P1* e *P5*), os professores se mostram satisfeitos, pois atingiram os objetivos pensados inicialmente e visualizaram a evolução dos alunos na compreensão da realidade que o cerca. Observamos ao longo desses relatos, em todas as questões apresentadas, que os professores buscam internalizar o conteúdo de paisagem do ponto de vista científico geográfico. No entanto, ainda há dificuldades nessa apreensão haja vista referirem-se, muitas vezes, ao aspecto visível da paisagem e, contraditoriamente, enfatizarem o caráter abstrato do conceito.

20

4 CONCLUSÕES

Compreende-se que somente haverá modificação significativa nas representações da paisagem pelos alunos se os elementos do núcleo central forem modificados. Isto é, se faz necessária a incorporação por estes alunos do saber geográfico acumulado por essa ciência, bem como sua socialização por meio da disciplina escolar Geografia para ocorrer a construção de representações científicas.

Este objetivo pode ser alcançado através da implementação de um conjunto de esforços, em médio e longo prazos, nas instituições voltadas para a formação inicial e continuada de professores de Geografia, que garantam aos graduandos e pós-graduando o contato com formas de ensino atualizadas, contextualizadas e utilizadas por profissionais da educação no Estado do Piauí e fora dele.

Outra alternativa seria a possibilidade de o Livro Didático de Geografia oferecer o conhecimento de paisagem com maior destaque. Por exemplo, com exceção do livro Geografia sociedade e cotidiano (MARTINS *et. al.*, 2010) que apresenta um trabalho detalhado sobre os principais conceitos-chave da ciência geográfica e sua articulação com o espaço atual brasileiro e mundial, todos os outros três (03) livros didáticos utilizados pelos sujeitos da pesquisa não oferecem ou oferecem o conteúdo referente à

paisagem geográfica de forma sucinta e/ou indireta. Nestes três casos, o trabalho decente se torna imprescindível na superação dos problemas encontrados.

Tais dificuldades são refletidas em seus trabalhos docentes, marcadas por um apego ao livro didático e a aula expositiva. Esses processos, domínio precário do conceito e práticas muito tradicionais, deixam lacunas na formação do aluno. Desse modo, podemos inferir que corroboram para a construção de uma representação social, haja vista estarem permeados por elementos do senso comum.

21

REFERÊNCIAS

ARROYO, Mônica G. Experiências de inovação educativa: o currículo na prática da escola. In: MOREIRA, A. F. (Org). **Currículo: políticas e práticas**. Campinas: Papirus, 1999, p. 131-164.

AZAMBUJA, Leonardo D. A construção social do conhecimento na Geografia escolar. In: **Espaços da Escola**, Ijuí: Editora Unijuí, ano12, n. 47, p. 5-10, jan./mar., 2003.

CAVALCANTI, Lana de S. **A geografia escolar e a cidade: ensaios sobre o ensino de geografia para a vida urbana cotidiana**. Campinas: Papirus, 2010.

_____. **O ensino de geografia na escola**. Campinas: Papirus, 2012.

FAÇANHA, Antonio C.; VIANA, Bartira A. da S.; PORTELA, Mugiany O. B. Aprendizagem significativa, tipologia dos conteúdos e uso dos materiais curriculares e recursos didáticos. In: SILVA, Josélia S. e (Org). **Construindo ferramentas para o ensino de Geografia**. Teresina: EDUFPI, 2011.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1992.

PIRES, Lucineide M.; ALVES, Adriana O. Revisitando os conceitos geográficos e sua abordagem no ensino. In: SILVA, Eunice I. da; PIRES, Lucineide M. (Org). **Desafios da didática de geografia**. Goiânia: Editora da PUC Goiás, 2013.

MARTINS, Alberto M.; CARVALHO, Cristiene A. da S.; ANTUNES-ROCHA, Maria Isabel. Pesquisa em representações sociais no Brasil: cartografia dos grupos registrados no CNPq. **Revista Psicologia: Teoria e Prática**, São Paulo, v. 16, n. 1, p. 104-114, jan./abr., 2010.

MORAGAS, Rosana A. R. Concepção de cidade/urbano no ensino de geografia: elementos para análise. **Itinerarius Reflectionis**, v. 1, n. 2, p. 33-42, jan./jul., 2006.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários para a educação do futuro**. Trad. Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya. 3. ed. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2000.

SERRA, Ênio. Políticas de currículo e prática docente em geografia na educação de jovens e adultos. In: ALBUQUERQUE, Maria Adailza M. de; FERREIRA, Joseane A. de S. **Formação, pesquisa e prática docente: reformas curriculares em questão.** João Pessoa: Editora Mídia, 2013. p. 151-182.

SOUSA NETO, Manoel F. de. **Aula de geografia e algumas crônicas.** 2 ed. Campina Grande: Bagagem, 2008.

TARDIF, Maurice; LESSARD, Claude. **O trabalho docente: elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas.** 7 ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

ZABALA, Antoni. **A prática educativa: como ensinar.** Porto Alegre: ArtMed, 1998.